

ESCLARECIMENTO, DESINTEGRAÇÃO DA LINGUAGEM E INTEGRAÇÃO SOCIAL: UM ENSAIO

Felipe Resende Silva¹

RESUMO

Através de uma tentativa de intermediação entre a *Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer e *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial* de Herbert Marcuse, trata-se de pensar a questão da integração social – enquanto bloqueio dos potenciais emancipatórios e práticas sociais excludentes (fascismo, por exemplo) – pelo viés da desintegração da linguagem. Por esta, entendemos consistir em um processo (situado no bojo do Esclarecimento) de des-dialetização do conceito que, em síntese, provoca o apagamento da consciência histórica, turva o horizonte de possibilidades historicamente realizáveis contido no interior da palavra.

PALAVRAS-CHAVE: teoria crítica; desintegração da linguagem; integração social; pensamento unidimensional

ENLIGHTENMENT, DISINTEGRATION OF LANGUAGE AND SOCIAL INTEGRATION: AN ESSAY

ABSTRACT

Through an attempt of intermediation between *Dialectics of the enlightenment* from Adorno and Horkheimer and *One-dimensional man: studies of the ideology of the industrial society* from Herbert Marcuse, it is a matter of thinking about the question of social integration - as a blockade of emancipatory potentials and excluding social practices (fascism, for example) - by the perspective of the disintegration of language. By this we mean to consist in a process (situated in the sphere of Enlightenment) of de-dialectization of the concept which, in synthesis, causes the erasure of the historical consciousness, blurries the horizon of the historically achievable possibilities contained within the word

KEYWORDS: critical theory; disintegration of language; social integration; unidimensional thinking

A ideologia contida na totalidade conceitual do termo “esclarecimento” (*Aufklärung*) visa dispor a natureza a serviço do homem em prol de sua autorrealização no mundo. Em fato, só pelo esforço de um apossamento consciente e racional da realidade é possível criar e sustentar as condições capazes de minimizar as penúrias oriundas da luta pela sobrevivência e conquistar a liberdade efetiva. Nesse esforçar-se, os graus de consciência e racionalidade são

¹ Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Teoria crítica, Cultura e Tédio moderno.

marcados pela capacidade de fazer jus à real potencialidade dos conceitos universais humanizantes. Ora, somente uma consciência livre de ilusões pode honrar tal promessa. Quem se ilude perde contato experiencial com a concretude (o mundo da vida) por deixar o pensamento e a ação serem cegamente guiados através de representações ou fórmulas. Em si, porém, os sistemas representativos nada possuem de onerosos; inclusive, são parte do processo do esclarecimento enquanto um conjunto de conceitos e fórmulas que auxiliam o sujeito a conhecer e dominar o que lhe é estranho (natureza externa) e melhor controlar o que é familiar (natureza interna ou mundo das pulsões) – ou seja, expressam o desejo de autoconservação do homem por meio de sua atividade pensante sobre a totalidade ambiental.

Por serem *apenas* parte conceito do esclarecimento e não o conceito mesmo, eles não o satisfazem. O que o aparato teórico e instrumental representacionista carrega consigo é um *médium* de dominação dos entes e de autocontrole do indivíduo capaz de, respectivamente, tanto suprir demandas biológicas e combater intempéries externas quanto amenizar compulsões internas. Ele ilumina a parte controlável, racionalizável e calculável do ser das coisas para que haja a possibilidade do sujeito ser liberado da pressão constante de se preocupar com a sua sobrevivência, tendo até que hostilizar membros de sua própria espécie. Para o conceito de esclarecimento alcançar o seu grau máximo, não é só necessário existir esse estado de dominação objetiva e temperamento subjetivo em que a luta pela existência está, por assim dizer, pacificada, mas também que o homem seja capaz de pensar e agir sem coerção externa e ilusões no interior desse domínio para conseguir humanizá-lo de maneira completa. Nesse nível de realidade social, os conceitos universais imanentes à Razão mediam a totalidade do Ser, dão sentido (ou seja, horizonte) ao representacionismo. Por esse viés, o cálculo, a fórmula e os ensinamentos ético-morais devem servir como suporte para a conquista da liberdade, da justiça e da paz; para a erradicação do medo, do sofrimento e da miséria².

² **Nota importante:** tentemos fazer uma síntese reflexiva deste último período para tornar ainda mais claro. A industrialização, enquanto manifestação objetiva de sistemas representacionais (equações matemáticas, lógicas e científicas nos aparatos tecnológicos contidos nas fábricas e afins) facilita e aumenta a produção de bens de consumo; o dinheiro facilita o comércio desses objetos. Nesse âmbito, tratar os trabalhadores como meras coisas ou meios, estimular o superconsumismo e devastar a natureza em prol do acúmulo desenfreado de capital são atitudes com baixo nível de consciência e racionalidade, dado o alheamento às consequências ambientais capazes de ameaçar o bem-estar e sobrevivência do próprio homem, ao sofrimento do trabalhador e dos animais massacrados. Do outro lado, como contraexemplo, o avanço tecnológico proporcionado pela descoberta de novos modelos teóricos pode melhorar a eficiência do processo produtivo para reduzir o consumo de matéria-prima e também gerar novas opções de sustentabilidade; as pessoas, conscientizadas sobre os impactos negativos do consumismo nos ambientes urbano e ecológico, consumiriam de maneira responsável; os capitalistas poderiam ter menos compulsão pelo acúmulo de capital e apreço por quem lhe presta serviço. Aliás, como um adendo paralelo e marcando mais um ponto no progresso da Razão com base no princípio da fungibilidade e manipulação da matéria, apontamos, em primeiro lugar, que o avanço no campo da engenharia de alimentos já é capaz de eliminar o sofrimento dos animais no comércio alimentício não mais pelo imperativo ético/moral de “morte indolor”. Os industriais estão produzindo carnes vegetais com sabores praticamente idênticos à carne bovina. Em segundo lugar,

Toda ilusão, dessa maneira, tem como condição fundamental o condicionamento do juízo a concepções de mundo sustentadas por representações. Nessas imagens pré-formatadas da realidade (em que cada uma se põe como uma totalidade para a consciência), o movimento da mediação é quebrantado no interior de paradigmas que apresentam conflitos aparentemente inconciliáveis: “algo é essencial e o outro não”. Tal jogo essencializante constitui um pêndulo com ambas as extremidades corrompidas - elas personificam a lógica da dominação e autoconservação que se manifesta sob formas racionalizadas (incompletas) da Razão. As suas mais duras evidências se expressam no fato [1] do homem sempre ter lutado para superar a escassez da vida substancial e a injustiça só para ser arremessado de modo contínuo em direção ao que procura combater³; [2] dos mecanismos fetichistas e reificantes sobre a linguagem e a vida social (enquanto espécies de representacionismos) persistirem historicamente; [3] de existirem tanto uma ânsia de apossamento que desapossa o homem de seu mundo quanto um processo brutal de recalque que lhe estranha de suas próprias pulsões só para fazê-las regressarem de maneira explosiva. Temos aí a maldição do esclarecimento que se apresenta em sua dialética: poder ser mais do que é, mas permanecer aquém do próprio conceito. Mesmo após as enormes contribuições do pensamento hegeliano para a autoconsciência do conceito e do “sujeito” (através da crítica às limitações inerentes ao representacionismo para se pensar a realidade) enquanto parte do próprio processo de esclarecimento, ele insiste em constringir o seu movimento a uma troca de saberes parciais.

A Dialética do esclarecimento (1944) surge exatamente como a expressão conceitual desse mal-estar do esclarecimento ante o seu projeto de mundo. Nas palavras de Jay Bernstein, a obra

é uma tentativa de oferecer uma análise conceitual sobre como foi possível que o processo racional do esclarecimento que se destinava a assegurar a liberdade ante o medo e a soberania humana pôde se transformar em formas de dominação política, social e cultural na qual os humanos são despidos de

no campo da engenharia de órgãos e tecidos, a evolução na produção de membros e órgãos humanos artificiais poderá, dentro de algumas décadas, oferecer níveis de qualidade de vida nunca antes vistos. O grau de autonomia individual poderá ser elevado/recuperado em pessoas que possuem limitações físicas e/ou mentais provocadas por acidentes, assim como o sofrimento daquelas que possuem problemas endócrinos e congênitos será diminuído ou extirpado.

³ Dois exemplos: Platão quis realizar uma reforma político-social mas manter nela o regime escravocrata... Marx criticou a barbárie contida no processo capitalista de produção mas denegriu a dialética ao postular sem receio a antevisão do fim do capitalismo - pela observação de suas crises cíclicas - e a existência de uma terra prometida como um movimento necessário do Espírito. As experiências posteriores de implantação dos regimes socialistas/comunistas acabaram por mostrar um enorme fascínio pelo poder opressor, pela dominação destrutiva.

sua individualidade e a sociedade é geralmente esvaziada de sentido humano (BERNSTEIN, 2004, p.21. Grifos meus)⁴⁵.

O referido revés dialético se realizará através da própria e contínua exigência do esclarecimento de extirpar todos os tipos de ilusões obstruintes da realização humana – de clamar que a consciência retire o véu de Maya que mascara a sua presença ativa. Em seu exagero crítico, a atividade pensante passa a identificar paulatina e unicamente o fenômeno de desencantamento do mundo com a totalidade do movimento esclarecedor. Para ele, toda forma de imaginação ou projeção subjetiva sobre a natureza vai se tornar um crime contra a emancipação humana e o conhecimento objetivo da verdade. A atividade imaginativa é, em última análise, a fonte de toda ilusão. Contra esta, a consciência adota a imagem técnico-científica do real como o derradeiro sistema da verdade. Neste, tudo o que é abordado deve deixar-se aparecer em suas propriedades observáveis, racionalizáveis, manipuláveis e funcionalizáveis; o que não se enquadra em fórmulas e padrões é fruto de delírios e alucinações mentais, ilusões que uma consciência angustiada ou ociosa projeta sobre a objetividade inerte. Qualquer conteúdo metafísico, místico-mágico ou mitológico anexado ao objeto é alvo de desconfiança, fonte de erros epistemológicos ou charlatanismo; perguntar-se acerca das causas, do sentido das coisas, é praticar conversa vazia. Assim, as doenças não são ações de maus espíritos sobre os vivos, e sim anomalias genéticas ou fenômenos biológicos causados por seres microscópicos capazes de serem controlados através de determinadas medidas providas pela ciência médica e afins; a seca não é sinal da fúria dos deuses que deve ser acalmada através de rituais sacrificiais, mas um fenômeno natural causado por determinadas condições geográficas capaz de ser amenizado através de técnicas de controle de ambiente; os reis não são os representantes de uma essência divina, mas indivíduos de carne e osso que se valem de embustes metafísicos para controlar outros sujeitos de carne e osso.

A consciência acredita que esse estado de consciência é o grau máximo de libertação ante todas as formas de heteronomia e injustiças que agem sobre o indivíduo, mas a sua falsidade logo aflora no universo social ao ser cultivado e objetivado sem reservas. As forças corrosivas contidas nessa forma de pensamento acabarão por atacar e empobrecer o poder expressivo das palavras ao ponto de obscurecerem a cognição crítico-valorativa dos conceitos

⁴ BERNSTEIN, Jay M. “Negative dialectic as fate: Adorno and Hegel”. In Tom Huhn (ed.). *The Cambridge Companion to Adorno*. Cambridge University Press. pp. 19-50 (2004).

⁵ “[...] is the attempt to provide a conceptual analysis of how it was possible that the rational process of enlightenment which was intended to secure freedom from fear and human sovereignty could turn into forms of political, social, and cultural domination in which humans are deprived of their individuality and society is generally emptied of human meaning”.

universais no interior da atividade pensante. De modo espantoso, a consciência postulará que até mesmo valores humanos universais (sentimentos morais e ideais éticos) agregados ao pensamento constituem um sério desvio de percurso para o conhecimento objetivo da verdade. Essa atitude asséptica (ou acética...) vai conduzi-la a um desastroso definhamento experiencial perante o mundo, pois ela simplesmente irá cindir a conexão entre esses valores e o ato de pensar. Para o pensamento despido de racionalidade - de significação ou fins - não haverá mais limites ou parâmetros em suas criações e em seu avanço sobre as coisas: ele não se importa de gerar e administrar desumanidade caso a sua exigência interna assim decrete.

Não contente em clivar os conceitos valorativos da verdade e clamar para o saber técnico-científico a pretensão do absoluto, o pensamento ainda acaba por combater aquilo que excluiu de si. Peter Wagner (2005)⁶ acentua que, para Adorno, o resultado objetivo dessa atitude prático-epistêmica é a inserção do pensamento em um profundo estado regressivo em que se mostra inevitável pensar a totalidade da vida humana a partir de uma ontologia negativa. Nela, a regressão é tamanha que nenhum contraconceito é capaz de combater efetivamente o que está regredido. Em virtude de um longo e incansável ataque aos conceitos universais, a linguagem se encontra objetivamente desintegrada: as meta-narrativas emancipatórias estão totalmente esgotadas e as palavras esvaziadas de sentido (ou significação).

Através de uma intermediação entre a *Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer e *O Homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada* de Herbert Marcuse, é do nosso interesse desenvolver o entendimento dessa crise do significado. Mas para que essa intenção se efetue de modo satisfatório, faz-se necessário entender com mais minúcias as ideias expostas nos dois últimos parágrafos. Para tanto, eu gostaria de iniciar a minha cadeia de raciocínios detalhantes através de uma comparação entre o modo dialético e o técnico-científico de pensar o conceito. Pois bem:

a) O raciocínio dialético interage com os conceitos a partir da perspectiva do excesso. Neles ele capta mediações, movimentos, determinadas objetivações contidas na infinidade do que é finito (a coisa, o objeto). O pensamento nota que a determinação objetiva da coisa, por ser dinâmica, nunca se esgota no imediatamente dado, no estado de coisas presente: as qualidades que o sujeito carrega consigo na imediatidade não limitam a significação de seu ser. Dizemos, dessa maneira, *não* que ele é conformado por elas, mas que nelas temporariamente *penetrou*. Também para o pensamento dialético, embora o “vazio” do conceito seja algo

⁶ WAGNER, Peter. “The problematique of economic modernity: critical theory, political philosophy and the analysis of capitalism” In: *The economy as a polity: the political constitution of contemporary capitalism*. UCL; London: 2005.

abstrato, ele não é de modo algum desprovido de clareza, pois carrega em si modos de existências ainda não implementados. Ele irá se pôr para a percepção como negatividade ou força metafísica (como um universal ainda não substanciado) não por derivar de uma essência exterior ao objeto, mas enquanto expressão de uma demanda imanente à força interna do sujeito, *de um significado que ainda não veio à luz*. É claro que a luta para extrusar uma nova significação não garante o seu sucesso e pode até levar a significações negativas no sentido ruim do termo, porque a concretude é totalmente imprevisível em seus resultados. Pensemos no seguinte exemplo utilizando toda essa lógica do pensamento dialético:

É certo que as antigas formas de dominação e heteronomia eram dotadas de subterfúgios suprassensíveis, mas os meios de resistência contra elas também eram (e ainda são, como estamos percebendo). Dominação e resistência fazem parte do mesmo domínio, a saber, o conceitual. A ideia de “Deus” dos cristãos, por exemplo, enquanto uma miríade de conceitos (bondade, fraternidade, igualdade, misericórdia, etc), foi tanto capaz de gerar a Inquisição e fomentar estratificação social na Idade Média quanto produzir a ameaça de uma transformação social (através de Jesus Cristo) no período do império romano. A dialética vê, mesmo em âmbitos ainda não totalmente racionais (i.e. “sagrados”), as ressonâncias dos conteúdos dos conceitos sobre o real. Porém não nutre qualquer ilusão diante do conceito - nenhuma identificação mística entre o conceito e seu objeto -, pois conhece a imprevisibilidade do mundo, sabe que os processos de aprimoramento humano são falíveis e até reversíveis a estados piores que o atual.

b) Já o pensamento técnico-científico é marcado pela unilateralidade conceitual. Para ele, o conceito somente possui teor epistemológico e realidade caso remeta ao que é observável, atado aos fatos, capaz de ser operacionalizado ou funcionalizado. O conhecimento da coisa deve ser obtido através da reiteração de uma experiência entre o sujeito e o objeto capaz de produzir uma equação sígnica capaz de produzir uma regra ou relação objetiva. Através da força abstrativa da fórmula, a identidade do objeto será delimitada e nunca poderá ser interpretada como um Outro. Também através dessa força ela almeja anular a unidade entre a palavra e a imagem com o intuito de libertar a consciência da crença em superstições/misticismos e encantos mágicos: através do critério da fungibilidade universal, busca-se dissolver todo tipo de ligação necessária entre o intuído/percebido/experenciado e o falado. Exemplifico:

Na perspectiva da magia, por exemplo, dizer uma palavra proibida é pedir para cair em maldição; anexar um pedaço orgânico de uma pessoa (um fio de cabelo...) de nome “X” a um boneco de vodu permite transferir para “X” tudo o que é feito sobre o fetiche; para um

sacrifício ser capaz de gerar chuva, só é válido sacrificar um indivíduo “Y” possuinte de uma propriedade “Z”. No âmbito do mito, busca-se não só relatar, dizer a origem e denominar um acontecimento, mas também explicá-lo, expô-lo e fixá-lo. Nesse ato discursivo, a imagem da coisa se acopla ao princípio da renovação infinita e passa a ter uma identidade definida. Assim, por exemplo, como Adorno e Horkheimer (2003)⁷ sublinham, a explicação do advento do outono e inverno é diretamente correlacionada à fúria de Deméter (deusa das colheitas e estações do ano) ao saber que sua filha, Perséfone, fora raptada por Hades. A cada outono e inverno, o rapto se repete não como lembrança imagética, *mas como a própria imagem*, exprimindo a sua necessidade fatal. Na perspectiva do pensamento sógnico, não há uma identidade única ou unicidade entre a coisa e a palavra. Dada a equação, a denotação dos signos é totalmente flexível e fluída, ou seja, não importa o que se apresente para preencher os signos e satisfazer as metas, este algo sempre será um “exemplar” ou “material de experimento” dentre os muitos possíveis.

c) Porém, o que se furta da consciência unilateral é que as práticas mágicas, os mitos e afins também são esclarecimento, esforços para compreender e dominar a exterioridade estranha e ameaçadora. No âmbito da magia, os homens mimetizam aquilo que pretendem influenciar; eles se dirigem ao objeto não como mero exemplar ou mera matéria mas como coisas mesmas: para influenciar no bom crescimento das plantações, o feiticeiro deve criar um espaço distinto (um círculo mágico) e, dentro dele, se vestir e se portar igual aos espíritos - responsáveis pela área da prosperidade – que pretende cortejar. Ora, o princípio da repetitividade de um experimento em um ambiente controlado para produzir conhecimento é o herdeiro espiritual da imanência mítica e da delimitação territorial mágica. Entretanto, há uma diferença fundamental entre elas. O pensamento científico moderno pressupõe a morte do animismo, a quebra da unidade entre o indivíduo e seu cosmo - o afastamento entre aquele que conhece através da experimentação e aquilo que é conhecido (para ser dominado). Essa separação provê um aumento radical do poder do sujeito sobre o objeto, pois este se abre para a consciência como natureza morta, objetividade sem mistério, matéria inerte à espera de manipulação. A categoria do sujeito que ordena e ao mesmo tempo se afasta da realidade é denominado como transcendental: um puro Eu universal livre das perturbações da empiria. Ele observa, descreve e delibera sobre o assunto que lhe compete na mais pura impassividade estóica. Para a consciência transcendental, a natureza está um nível abaixo de si. O homem

⁷ HORKHEIMER, Max; ADORNO, W. Theodor. “Dialektik der aufklärung”. In: Digitale Bibliothek Band 97: Theodor W. Adorno: Gesammelte Schriften, 2003f.

deixa de se reconhecer como um ente natural e se põe como um Eu absoluto, subjetividade aparentemente inabalável pelos resultados objetivos de seus pensamentos.

À primeira vista, esse afastamento drástico entre sujeito e objeto poderia significar a vitória definitiva do homem ante as potências heterônomas advindas da natureza e da superstição. Porém o contrário será atestado: ele vai aparecer como resultado da intensificação do domínio do homem sobre a totalidade da natureza e de si próprio. A consciência científica moderna se autoproclama nênese da magia e do mito mas é, na verdade, o sucedâneo da injustiça e impotência despido da imagem tradicional. Todavia, essa continuidade do arcaico não flui da fraturação entre a imagem e a palavra porque ela é inevitável. A questão, seguindo o pensamento dos dois filósofos, é que se tal separação for “uma vez mais hipostasiada com autossatisfação inconsciente, então ambos os princípios isolados avançam para a destruição da verdade” (ADORNO E HORKHEIMER, 2003f, vgl. GS3, S.34)⁸.

Como se vê, essa segunda separação tem uma consequência filosófico-conceitual pelo fato de ser mencionada uma “destruição da verdade”: aniquilar a verdade significa sacrificar do conceito da coisa o seu caráter dialético. No âmbito da filosofia, o conceito equivale à “palavra” e a intuição à “imagem”. Ora, a verdade dos conceitos universais deve ser compreendida como negativa ao imediatamente intuído enquanto um reino de promessas do Espírito. A luta pela conquista da verdade se dá na percepção da tensão entre a Ser (realidade realizada) e a Ideia (realidade realizável) e a vontade de aproximar esta daquele através da práxis. O pensamento, ao cindir a imagem da palavra de modo absoluto petrifica a ambas e acaba perdendo a perspectiva da totalidade; ele não mais consegue estabelecer uma experiência efetivamente dialética com os objetos. Para a consciência que realiza e/ou se submete a essa clivagem, a imagem é congelada em substrato da dominação e a palavra coisificada forma o corpo do conhecimento enquanto *medium* do dominar: “a natureza está escrita em caracteres matemáticos”. O progresso do conhecimento não deve trazer um incremento da consciência de si e da capacidade de autorreflexão crítica e sim aumentar o poder de espoliamento da natureza - qualquer palavra que destoe desta função deve ser combatida como fantasmagoria verbal. Ante o pensamento sobre o seu pensamento, a consciência se limita a identifica-lo conceitualmente com processos autônomos ou procedimentos instrumentais atados à lógica da dominação universal. Sob a égide do pensamento científico positivista - figura da consciência científica moderna mais bem acabada no que refere ao resultado desse processo de

⁸ “Wird sie jedoch ahnungslos selbstzufrieden nochmals hypostasiert, so treibt jedes der beiden isolierten Prinzipien zur Zerstörung der Wahrheit hin”.

empobrecimento experiencial -, o conceito universal aparece como um ultraje epistemológico para a obtenção da verdade. Substituamo-lo pela fórmula! Não é por menos que a recaída em elementos míticos e mágicos - que se expressam em variações da reificação e fetichismo - será inevitável. Com paciência, tentemos construir um *insight* dessa problemática a partir dos dois itens que se seguem. Será uma trilha árdua:

1) Separada irracionalmente da imagem, a palavra perde a sua fonte de mediação (ou base experiencial-expressiva) e se vê reduzida no campo científico ao signo. Este, por sua vez, deve se conformar à linguagem do cálculo. Ao serem agregados em sistemas isolados, os signos se convertem em esteticismo - um antro de proposições verdadeiras cujas intenções não transcendem o sistema. Entretanto, esse fechamento linguístico não significa um isolamento ante a efetividade mundana mas é antes uma investida despeitosa contra ela. A consciência apenas ilusoriamente se livra do encanto metafísico da “presença” da coisa. Ao invés de dissolver a ligação mágica entre a palavra e a imagem, esse hermetismo linguístico a reafirma, pois assim como na magia não há distinção entre esta e aquela, na linguagem formalista das ciências essa necessidade fatal é sub-receptivamente fenomenalizada através do apego obsessivo de acomodar os fatos ou objetos às leis e princípios contidos nas fórmulas. Embora o teor metafísico⁹ atado à relação seja eliminado, o laço metafísico entre as palavras e os objetos permanece incólume. A consciência simplesmente troca uma essencialização por outra: em vez de asseverar que a estrutura e a dinâmica do mundo é regida por entidades espirituais, ela vê a presença de caracteres sígnicos em todas as coisas. E da mesma maneira que o ritual mágico *sempre* está subordinado a um determinado círculo hermético, a ciência se fecha em seu campo epistêmico específico porque vê a sua ontologia como a mais alta forma de conhecimento das coisas...ou melhor, *como a única forma de conhecimento*. Na magia, a quebra do círculo é motivo de punição, nas ciências, o que transgride sua área é falso conhecimento, pseudociência.

2) Já a imagem, despida da força diferenciante que a conceitualidade da palavra lhe confere, se converte em cópia dócil, duplicação ideológica: ela é rearranjada como apêndice da ideologia dominante e da linguagem formalista e técnico-operacional. Uma árvore, por exemplo, ao ser subordinada aos meios produtivos, deve aparecer para a percepção não como “árvore”, mas enquanto “matéria-prima” manipulável que posteriormente se transforma em “mercadoria” reproduzível; ou a imagem, quando atada a serviço da reiteração do estado de coisas, manifestar-se por meio de uma prova empírica avassaladora do “melhor dos mundos possíveis”. E fulgura, sob a égide do rigorismo lógico contido nos elementos da ciência dedutiva

⁹ Leia-se: a manifestação de deuses, demônios, espíritos...

(dependência, encadeamento, extensão e união dos conceitos), a persistência imagética da hierarquização e coerção social que o esclarecimento pretendia superar. No capitalismo, quem os detêm – e não quem os conhece – aplica o feitiço sobre o movimento não de um “homem”, mas de um “recurso humano” inserido linha de montagem, definindo a sua função (e posição) no espaço de trabalho. Porém, os detentores também estão enredados nas malhas finas da reificação: passarão fome caso osem questionar a sua lógica.

Ao correlacionarmos os dois itens somos capazes de encontrar, mascarada mediante caracteres racionais e racionalizações, a irrupção da imanência mítica enquanto contenção da infinitude da substância. Para os antigos, o mundo mítico refletia a resignação da existência frente a uma ordem aparentemente imutável¹⁰; séculos depois, vemos que algo semelhante ainda acontece em uma realidade dominada pelo mundo do Entendimento. Os que pagam a conta são o sujeito - que é absorvido e neutralizado pelo maquinário conceitual da dominação¹¹ – e o qualitativamente diferente à ordem em vigor. Contudo, o principal desesperançado, como apontam Adorno e Horkheimer (2003f), é o próprio saber que se apropria da existência enquanto esquema e a perpetua enquanto tal: através da identificação antecipatória de *qualquer coisa* com fórmulas (como quintessência da verdade) tudo já está de antemão definido. Para tornar essa tendência à unilateralidade ainda mais problemática, convém apontar que ela não está restringida ao âmbito acadêmico-científico. O pensamento unidimensional se alastra para todos os âmbitos da sociedade e reforça ainda mais o cerco da integração social. A linguagem cotidiana contaminada pelo discurso unilateral, é claro, não é movida por fórmulas científicas, mas sim por formulismos amparados em clichês e estereótipos linguísticos. Entretanto, como a compulsão de submeter tudo ao princípio de identidade as une, ambas as linguagens são igualmente devastadoras.

¹⁰ “No mundo antigo, o conceito de liberdade, [...] autonomia em relação à ordem da natureza e do cosmos, não existe [...]. O homem sofre um destino no qual ele não decide nada, pois não é livre enquanto fragmento de um cosmos, e sua única liberdade se dá por meio da *ananké*, o *fatum*, de tentar coincidir com o lugar que lhe é atribuído pelo universo. Com efeito, o mundo grego é organizado em torno de uma visão do mundo na qual o sujeito é simplesmente um suporte constituído de traços particulares que provém da cultura. O sujeito não é senão um microcosmo, uma parcela da inteligência divina, não separada desta. A liberdade no mundo grego é apenas o consentimento para se sujeitar ao que aí está, a impossibilidade de imaginar ou antecipar outra coisa” (SEDAT, Jacques. *Compreender Freud*. Ed. Loiola; São Paulo, 2007, p.186).

¹¹ Em *Adorno: a biography* (2005) Stefan Muller-Doohm aponta que, para Adorno, o grau da impotência subjetiva é diretamente proporcional ao nível de desintegração da linguagem, pois esta expressa o avanço do poderio opressivo contido nas condições sociais vigentes. Aqui, vemos que se trata de um processo de substituição linguística que guia a práxis humana. A fórmula, ao usurpar o lugar do conceito, dissolve todas as qualidades dos objetos, tratando-os uniformemente como “matéria-bruta” ou “instrumento”. Dominada por esse princípio, a ordem vigente é tomada como racional para os homens. Os conceitos valorativos, por não estarem penetrados em tal ordem, são tomados como devaneios metafísicos.

É o princípio de identidade tomado por uma pretensão totalizante elevada ao desespero absoluto que desemboca na supradita desesperança. Na subsunção irrefletida de toda objetividade através dele, enfraquece-se “a tensão entre aparência e realidade, causa e efeito, substância e atributo”¹² (MARCUSE, 2002, p.88. Tradução minha)¹³ para forçar “a identificação imediata entre razão e fato, verdade e verdade estabelecida, essência e existência, a coisa e sua função”¹⁴ (MARCUSE, 2002, p.89. Tradução minha). A experiência cognitivo-conceitual do objeto passa a ser pré-condicionada por um predicamento rígido contido em um jogo tautológico e autovalidante da linguagem capaz até de, em sua lógica semântica, tanto produzir eufemismos linguísticos responsáveis pelo ocultamento da atrocidade concreta quanto atrocidades linguísticas que tomam o arcaico como um dado natural¹⁵. Além desse jogo o conceito não pode ir, ele o obriga a permanecer em seu interior, suprimindo assim a força de sua significação. Em outras palavras: exclui-se a mediação do conceito. Como resultado, os traços de concretude (experenciais) que ele carrega consigo - ou seja, a percepção de uma totalidade sedimentada por um processo de desdobramento histórico-temporal responsável por revelar a essência ou as reais potencialidades do objeto denotado pelo conceito - são ocultados. Se o conceito não é apenas um signo ou clichê gramatical e sim a história do objeto que se (auto)desenvolve como um tipo de “sujeito”, então a danificação cognitiva de sua concretude é um enfraquecimento da consciência histórica que conduz ao esfacelamento da ideia de progresso real: somente quando o pensamento é capaz de intuir a substância do conceito como algo dissonante do dado, um não-idêntico equivalente a um reino de possibilidades historicamente possíveis, é que há esperança do Espírito evoluir no quesito qualitativo.

Ao dessubstancializar o conceito mediante a sua separação do sistema mnemônico do Espírito que carrega consigo a lembrança da dor e injustiça (o que, em termos de arcaicidade, já foi ou ainda está para ser superado pelo sujeito coletivo¹⁶), o pensamento pode se entregar à

¹² “The tension between appearance and reality, fact and factor, substance and attribute”.

¹³ MARCUSE, Herbert. *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. Routledge; New York, 2002.

¹⁴ “The immediate identification of reason and fact, truth and established truth, essence and existence, the thing and its function”.

¹⁵ **Nota importante:** Para a dialética, é visível que essa tautologia e autovalidação são frutos das condições imediatamente dadas – delas nasceram e a elas prestam reverência; também é igualmente claro que as atrocidades e eufemismos lógico-semânticos correspondem às desgraças do mundo objetivo – elas acolhem em seu âmago as contradições de uma sociedade irracional. É em virtude dessa dupla face que a linguagem unidimensional desafia qualquer coerência lógica: ela exprime a concretude... uma concretude pervertida que se põe como natural. Bem, alguns parágrafos abaixo eu esclarecerei com mais detalhes tanto o aspecto atroz quanto eufemista desse tipo de linguagem. Vou deixá-lo marcado com um.

¹⁶ “A lembrança do passado pode suscitar *insights* perigosos, e a sociedade estabelecida parece se tornar apreensível quanto aos conteúdos subversivos da memória. A lembrança é um modo de dissociação dos fatos dados, um modo de “mediação” que rompe, por poucos momentos, o poder onipresente dos fatos dados. A memória chama de volta o terror e a esperança que se foram. Ambas vêm novamente à vida, enquanto que, na realidade, o primeiro

autorregressão sem maiores constrangimentos. Em seu domínio mágico-linguístico destituído de autorreflexão crítica, ele investe contra a força transcendente do conceito de modo impiedoso: qualquer significação conceitual negativa ou metafísica é tão risível quanto os elementos mágicos e míticos. Quem acredita na autoridade dos conceitos universais não passa de um supersticioso; nela seus censores acreditam ainda encontrar o eco do temor e respeito pelas imagens das potências antigas. Com o intuito de acordar os supersticiosos do sono metafísico eles podem, por exemplo, golpear os conceitos a partir da perspectiva da supervalorização da linguagem. Nada como uma boa terapia linguística para dar conta do recado: assim como o termo “Deus”, conceitos críticos como “Bem”, “Liberdade” e “Justiça” são palavras vazias ou confusas, desprovidas de significado e úteis só para charlatães metafísicos. Ideias dessa categoria são irrelevantes para o âmbito da vida política, econômica e cultural porque não podem ser encontradas em lugar algum e em nenhum objeto. Só há sentido em falar, por exemplo, no que toca ao termo “Liberdade”, sobre “liberdade de mercado”, “livre competição”, “livre iniciativa” e “liberdade de escolha (mercadológica)”. Eles também estão habilitados a erigir no âmago da civilização, para trazer os iludidos ao lado do “bom senso” (!), uma naturalização do comportamento humano e até dos conceitos universais:

O determinismo das teorias científicas do desenvolvimento humano reduz a ideia de liberdade a uma ilusão [...]. [...] Problemas filosóficos sobre a “verdade”, o “bem” e a “beleza” passam a ser explicados como o índice de impulsos psicológicos ou fisiológicos (THOMSON, 2006, p. 131. Tradução minha)¹⁷¹⁸.

Não é por menos que discursos fatalistas enquanto secretos ecos da crueza da natureza retumbarão no seio da civilização. A universalidade do conceito asseverava que indivíduos distintos a ela ligados partilham características ou podem vir a partilhar condições comuns entre si. A essência do organismo humano, canino e felino, por exemplo, está conectada à universalidade contida no conceito “ser vivo”; os sentimentos e pensamentos particulares de um sujeito não são propriamente seus, e sim pertencem à sua raça; um escravo não participa integralmente do termo “liberdade”, mas pode e deve lutar para isso, porque se outros homens a têm ele também a merece (ela é válida para todos). Dessa maneira, no universal o homem

reaparece sempre em novas formas e a última permanece como esperança. E nos eventos particulares que aparecem na memória individual, os medos e aspirações da raça humana afirmam a si mesmos” (MARCUSE, 2002 p.101-102. Tradução minha. Grifo meu).

¹⁷ THOMSON, Alex. *Adorno: a guide for the perplexed*. New York: Continuum, 2006.

¹⁸ “The determinism of scientific theories of human development reduces the idea of freedom to an illusion [...]. [...] Philosophical problems of 'truth', 'goodness' and 'beauty' are to be explained away as the index of psychological or physiological impulses”.

poderia se reconciliar com a natureza mas também transcender a sua unilateralidade determinista. Com a necrose do universal, com a distensão entre aparência e essência, sem mais a mediação, o conceito sofre uma canibalização pela palavra. A consequência imediata é o selamento do destino do objeto: uma rígida atribuição de qualidades sobre ele - por meio da disposição epistêmico-cognitiva de perceber as coisas a partir de categorias fixas e distintas - determina o seu conceito, a sua ontologia. Isso é patente no clichê estereotípico que particulariza a essência de quem é um “perdedor” ou um “vencedor” (avaliado com base em padrões de desempenho e popularidade, por exemplo); ou quando alguém está marcado para ser socialmente proscrito ao cair sob a estereotipização do Judeu em contraste com o estereótipo da raça ariana. Há aí um embuste representacionista que atua como apêndice da história da seleção natural, porque uns devem perecer e outros prevalecer.

Permeado por formulações fáceis e comparações artificiais, esse ato segregador é a substância da integração social. Sem ele, o todo e o indivíduo não conseguem conferir potência aos raciocínios tautológicos que lhes transmitem segurança e servem aos seus interesses. Para que se transforme em verdade autônoma, prescritos hipnóticos específicos são incessantemente martelados sobre o receptor. A repetição deve inculcar regras operacionais capazes de produzir certezas fixas ou modelos de comportamento específicos: no jogo proposto cada coisa ocupa, por decisão arbitrária, um determinado lugar e função. Surge, como produto desse procedimento ritualístico, um recrudescimento da blindagem mágico-territorial do totalitarismo ideológico. Dentro desse espaço ideológico, a consciência é contaminada por uma paranoia epistêmica que a leva ao sacrifício da racionalidade de seu pensar. Sem mais esta, o sujeito tende a experienciar ou o não-idêntico ou o semelhante (dependendo da perspectiva) como algo hostil ou/e estranho a si, fato que direciona à injustiça, opressão ideológica e barbárie. As variantes exemplares são muitas: a decisão desumana de privar determinados seres da própria espécie de participarem da universalidade do conceito ao taxá-los de “raça imunda” ou “sub-raça” que merece ser exterminada; a incapacidade de compreender o não-idêntico (o Outro) enquanto a possibilidade histórica de autotranscendência qualitativa, como algo imanente ao conceito da própria Razão - daí a apreensão e angústia, o sentimento de que ele constitui grave ameaça à estabilidade social. Ou fiquemos com esta pontuação de Marcuse:

“Livres” são as instituições que operam (e são operadas) nos países do Mundo Livre; outros modos transcendentais de liberdade são por definição ou anarquismo, comunismo ou propaganda. “Socialistas” são todas as interferências em empresas privadas não operadas pela própria empresa privada (ou por contratos do serviço público), tais como seguro universal e compreensivo de saúde, ou a proteção da natureza de toda comercialização

com alto índice de devastação, ou o estabelecimento de serviços públicos que possam ferir o lucro privado. Essa lógica totalitária dos fatos estabelecidos tem a sua contraparte no Leste. Lá, liberdade é o modo de vida estabelecido por um regime comunista, e todos os outros modos transcendentais de liberdade são ou capitalistas, ou revisionistas, ou sectarismo esquerdista. Em ambos os lados, ideias não-operacionais são não-behavioristas e subversivas. O movimento do pensamento é parado em barreiras que aparecem como os próprios limites da Razão (MARCUSE, 2002, p.16-17. Tradução minha)¹⁹.

Posto que nesse ambiente desprovido de racionalidade a imediatez está essencializada como a verdade, e que nesta reverbera a imagem da aceitação dócil de um mundo duro e hostil²⁰, o pensamento pode se entreter com a barbárie e até absorvê-la socialmente transformando-a, por exemplo, em cifra monetária. Não soará exagerado dizer que o tipo de linguagem exercitado no interior dessa conjuntura é a da catástrofe permanente porque, sem mal-estar algum, ele não só concilia ideias antagônicas (imanescentes a uma realidade irracional) como apaga a voz da injustiça e do sofrimento em seus formulismos e expressões de mau gosto. Aqui as atrocidades linguísticas e os eufemismos que mencionei se tornam totalmente claros. A característica atroz dessa lógica linguística é gritante na análise que Marcuse (2002) faz da expressão “abrigo nuclear de luxo” em um anúncio publicitário. Une-se a palavra “luxo” a “abrigo nuclear” como se a parceria entre prosperidade e o potencial de aniquilação fosse a coisa mais natural do mundo. Com desenvoltura embasbacante, o redator expõe as opções de aconchego extras no ambiente interior. A ameaça de uma hecatombe humana é adicionada ao menu de serviços a serem prestados à clientela: que venha o apocalipse civilizacional, você o experienciará com muito conforto! Quanto à face eufemística, basta um breve pulo nas primeiras páginas do texto “O que significa elaborar o passado” de Adorno (1995) para notar que os alemães, com o intuito de minimizar o impacto do holocausto de Auschwitz, recorrem à “reconfortante” afirmação

¹⁹ "'Free' are the institutions which operate (and are operated on) in the countries of the Free World; other transcending modes of freedom are by definition either anarchism, communism, or propaganda. "Socialistic" are all encroachments on private enterprises not undertaken by private enterprise itself (or by government contracts), such as universal and comprehensive health insurance, or the protection of nature from all too sweeping commercialization, or the establishment of public of services which may hurt private profit. This totalitarian logic of accomplished facts has its Eastern counterpart. There, freedom is the way of life instituted by a communist regime, and all other transcending modes of freedom are either capitalistic, or revisionist, or leftist sectarianism. In both camps, non-operational ideas are nonbehavioral and subversive. The movement of thought is stopped at barriers which appear as the limits of Reason itself?"

²⁰ Vejamos este trecho. Ele desenha uma poderosa imagem dessa situação: “Um homem pode dar o sinal que liquida centenas e milhares de pessoas e então declarar-se livre de todas as dores de consciência, e viver feliz para sempre. Os poderes antifascistas que derrotaram o fascismo nos campos de batalha colhem os benefícios dos cientistas, generais e engenheiros nazistas; eles têm a vantagem histórica dos que chegaram depois. O que começa como o horror dos campos de concentração se transforma em prática de treinar pessoas para condições anormais – uma existência humana subterrânea e a ingestão diária de alimentos radioativos. Um ministro cristão declara que impedir seu vizinho de entrar em seu abrigo por todos os meios possíveis não contradiz o princípio cristão. Outro ministro cristão contradiz o seu colega e diz que sim. Quem está certo?” (MARCUSE, 2002, p.82-83. Tradução minha).

estatística de que morreram *somente* cinco milhões de judeus, e não seis; ou também à contabilização da culpa através do princípio da equivalência, ao apontarem que as mortes causadas no bombardeio à cidade de Dresden compensaram o extermínio dos judeus nos campos de concentração.

Não espanta que todo esse clima unilateral exposto por nós sempre acaba por malograr qualquer reconciliação dos valores universais com o real quando este lhes dá algum consentimento, pois a negatividade valorativa que portam é o Outro que não pode ser suportado como o Outro. Se a sociedade recepciona um valor a partir da ideia da transcendência, ela trata de retirar o quanto antes desta a sua potência dialética. Novamente através de Marcuse (2002), podemos apontar a seguinte situação: a transcendência tem lá a sua verdade no campo da subjetividade enquanto valor pessoal, precioso mas invendível, e só. Aqui, o “transcender” é empurrado para uma má transcendência porque não significa o advento do qualitativamente novo através do impulso subjetivo para objetivar os valores universais, e sim o “estar totalmente apartado de...” através de um ardil relativista que sustenta o estranhamento absoluto entre a consciência e a objetividade. Incapaz de competir com a lógica do estado de coisas em virtude de estar presa à esfera subjetiva, a força diferenciante (ou negativa) contida no conceito valorativo figura como a caricatura de uma diferença efetiva. Já em termos objetivos, tão logo a negatividade do valor penetre na efetividade social através de um objeto este será transformado em mercadoria catalogada e denegrirá, em consequência, o poder crítico daquela; ou até mesmo em sua pureza semântica, a palavra que nomeia o valor é retraduzida em um inofensivo slogan propagandístico: conforme o anúncio na TV, nada como desfrutar da mais pura “liberdade” através das tragadas em um cigarro da marca “X” após um entediante dia de trabalho.

Porém, ao notar que gestou todo esse engodo para si, o Espírito completa a sua dialética experiencial. Sua totalidade vocabular o desvela: através dela, ele agora compreende que representa não só a promessa de liberdade e a liberdade efetiva, mas também a repressão implacável e a regressão infernal. É exatamente por essa ambiguidade que jamais pode se autopôr – com um enorme sorriso de satisfação – como ideologia inquebrantável ou terra prometida. Fazê-lo é recair na mitologia e misticismo. Entretanto, mesmo consciente disso, manter-se sóbrio é tarefa difícil, e, em seus episódios de lucidez, progredir é ainda mais desafiante, pois a dificuldade de superar o arcaísmo não reside só no fato dele estar naturalizado nas maneiras de pensar e agir dos homens, mas também de que a própria sobriedade ante o

arcaico é capaz de desembocar em um gozo consciente do ato regressivo. A partir daqui, porém, já é assunto para outro momento.

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BERNSTEIN, Jay M. “Negative dialectic as fate: Adorno and Hegel”. In: Tom Huhn (ed.). *The Cambridge Companion to Adorno*. Cambridge University Press. pp. 19-50 (2004).
- DOOHM, Stefan Müller. *Adorno: a biography*. Cambridge: 2005, Polity press.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, W. Theodor. “Dialektik der aufklärung”. In: *Digitale Bibliothek Band 97: Theodor W. Adorno: Gesammelte Schriften*, 2003.
- MARCUSE, Herbert. *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. Routledge; New York, 2002.
- SEDAT, Jacques. *Compreender Freud*. Ed. Loiola; São Paulo, 2007.
- THOMSON, Alex. *Adorno: a guide for the perplexed*. New York: Continuum, 2006.
- WAGNER, Peter. “The problematique of economic modernity: critical theory, political philosophy and the analysis of capitalism” In: *The economy as a polity: the political constitution of contemporary capitalism*. UCL; London: 2005.